

Multiculturalismo e hibridização cultural: nação, etnias e identidades em “*Discover Nikkei*”¹

Alice Mitika KOSHIYAMA

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP²

Resumo

Este trabalho é um relato de pesquisa exploratória que engloba mediações da comunicação, da antropologia e da história oral. O multiculturalismo, conceito veiculado por Stuart Hall permite-nos pesquisar situação dos cidadãos de países que acolhem imigrantes e os integram à nação como os Estados Unidos e o Brasil. Esses países demonstram como as chamadas identidades étnicas são históricas e modificam-se ao longo das relações com as culturas presentes nas nações. Rastreamos o site <http://www.discovernikkei.org/en/>, do projeto *Discover Nikkei*, coordenado e criado por pesquisadores nipo-norte-americanos e com matérias em inglês, português, espanhol e japonês, e que coleta informações sobre imigrantes que saíram do Japão no século XX e se espalharam pelo mundo. Detectamos nesses depoimentos, parte do corpus deste estudo, identidades assumidas pelos depoentes nipo-norte-americanos e nipo-brasileiros,

Palavras-chave: comunicação, multiculturalismo, “*Discover Nikkei*”, identidades, nikkeis Brasil_EUA

1. Multiculturalismo em *Discover Nikkei*

O multiculturalismo conceito usado por vários pesquisadores dos estudos culturais, teve em Stuart Hall o pesquisador mais próximo do modo como fizemos nossa abordagem do tema culturas nikkeis no Brasil e nos Estados Unidos. A hibridização das culturas é a hipótese que apoia a nossa pesquisa empírica nos textos do site <http://www.discovernikkei.org/en/>.

Ressalvamos que é preciso especificar do que estamos tratando em Stuart Hall:

Ou, como refere Vale de Almeida, “o multiculturalismo dele é aquele que interessa, não é o da separação coexistente, mas o da possibilidade de criar uma identidade cultural nova”. “Foi sempre atento às hibridizações, mais do que às separações.”

É a partir da sua história que reivindica um entendimento de cultura como algo pessoal e também como estrutura vivida. Através da sua biografia mostrou que, se as identidades pessoais têm história e passado, as identidades sociais também. Ao longo dos anos a noção de diáspora, a experiência da deslocalização e do hibridismo, a encruzilhada de pertencimentos foram centrais na sua reflexão, que utilizou para mostrar como as

¹ Trabalho apresentado no VI Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do POSCOM em Ciências da Comunicação e do Curso de Jornalismo da ECA-USP. Coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo e a Construção da Cidadania (CNPq). Pesquisa comunicação, história, cidadania, feminismo, ensino de jornalismo. Email: alicemitika@yahoo.com

identidades se articulam, sendo cruciais para a tradução das sociedades actuais e para a prova da inevitabilidade da diferença e da cidadania plural. (BELANCIANO, 2014)

[Discover Nikkei , Descubra a los Nikkei]Descubra Nikkei é uma rede internacional cujo objetivo é celebrar a diversidade cultural e explorar o conceito de identidade tanto na esfera local quanto mundial. Este projeto une gerações e comunidades através do intercâmbio de histórias e perspectivas dos nikkeis, indivíduos de descendência japonesa que emigraram e se estabeleceram em outras partes do mundo.

Publicado em 4 línguas, temos frequentemente a mistura de 3 delas, o inglês, o espanhol e o português e apenas o japonês ficou tecnicamente inacessível para mim que não leio os caracteres nesta língua.

A definição do termo nikkei permite abarcar a totalidade de uma população que do Japão se dispersou pelo mundo no século XX, mas preservou algum traço da cultura original, que se materializou em uma série de valores, tradições, manifestações artísticas, religiosas, hábitos religiosos, culinários, esportivos, no lazer e no trabalho, enfim tudo aquilo que a filósofa Agnes Heller magistralmente estudou na obra *O cotidiano e a história* (1986)

A definição de "quem são os Nikkei" resultam das conclusões do Projeto Internacional de Pesquisa Nikkei, um projeto colaborativo de três anos que envolveu mais de 100 pesquisadores de 10 países e 14 instituições participantes. Os resultados da pesquisa foram publicados em dois livros pioneiros³:

The term *Nikkei* has multiple and diverse meanings depending on situations, places, and environments. Nikkei also include people of mixed racial descent who identify themselves as Nikkei. Native Japanese also use the term *Nikkei* for the emigrants and their descendants who return to Japan. Many of these Nikkei live in close communities and retain identities separate from the native Japanese. Currently there are 2.6 to 3 million people of Japanese descent living throughout the world. Most live in the Americas, where they have established families and communities and in the process transformed themselves and the societies where they have settled. (KIKUMURA-YANO, 2002, in: <http://www.discovernikkei.org/pt/about/what-is-nikkei>)

³ New Worlds, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan, Lane R. Hirabayashi, Akemi Kikumura-Yano, James A. Hirabayashi, eds. (Stanford: Stanford University Press, 2002)

Encyclopedia of Japanese Descendants in the Americas: An Illustrated History of Nikkei, Akemi Kikumura-Yano, ed. (Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2002).

2. Personagens da história

Temos um número majoritário de personagens cujas histórias foram coletadas pelos residentes nos Estados Unidos, e traduzidos. Usamos o único depoimento em português, que apresenta dados para discutir a condição da identidade na relação multicultural, o da histadora e jornalista Célia Abe Oi, na ocasião, 2005, diretora do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, localizado na cidade de São Paulo.

2.1 *JERO (Jerome Charles White, Jr)*

Ele é um sansei, terceira geração de descendente e parte do seu depoimento é em inglês e parte em japonês fluente, vale a penas ouvir. Jero (Jerome Charles White, Jr. nasceu em 4 de setembro de 1981 em Pittsburgh, no estado da Pennsylvania. Seu avô afro-americano conheceu sua avó japonesa durante o serviço militar na Segunda Guerra Mundial. Eles se casaram e tiveram uma filha, Harumi; eventualmente se mudaram para Pittsburgh, a cidade natal do avô. Os pais de Jero se divorciaram quando ele ainda era jovem, de forma que ele foi criado com uma forte influência cultural japonesa. Ele foi apresentado à música enka pela sua avó, que o encorajou a começar a cantar. Depois de se formar na Universidade de Pittsburgh em 2003, ele se mudou para o Japão, onde trabalhou como professor de inglês e como engenheiro de informática. Suas tentativas de cantar profissionalmente tiveram início depois que Jero prometeu à avó que um dia iria se apresentar no Kohaku Uta Gassen, um especial musical de véspera de Ano Novo que ela gostava. Ao atrair um público de todas as faixas etárias, a música de Jero, com sua mistura de enka tradicional com hip hop moderno, revitalizou um estilo de cantar que vinha pouco a pouco morrendo. Ele conquistou muitos corações depois que sua promessa para a avó foi divulgada, e foi um dos pontos altos do Kohaku Uta Gassen em 2008. Jero ganhou o prêmio de Melhor Novo Artista nos Prêmios das Gravadoras do Japão daquele ano. Além disso, ele se tornou popular entre os nikkeis e se apresentou em estabelecimentos lotados nos E.U.A. em 2010. (Março de 2010) (<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/profiles/136/>)

O inglês foi a língua falada em sua casa pela mãe e pela avó japonesa, que no entanto falava sobre o seu país natal com o neto JERO, conforme ele diz:

Elas às vezes falavam sobre o Japão, sabe? Elas falavam sobre todas as coisas que gostavam de fazer no Japão. Minha mãe gostava de assistir filmes de samurai, e ela continua a ver filmes de samurai até

hoje. É algo que faz ela lembrar de sua infância e de coisas do gênero. Mas elas nunca falaram japonês comigo, e por isso como eu tinha interesse pelo Japão e um interesse ainda maior pelo idioma japonês – em aprender japonês – eu estudei por conta própria quando eu estava no primário e entrei numa classe de verdade quando estava cursando o segundo grau. (<http://www.discovernikkei.org/pt/about/what-is-nikkei>)

2.2 *James Hirabayashi* (1926-2012)

Estudioso e professor de antropologia, liderou a fundação de estudos étnicos como disciplina acadêmica. Depoimento dado em inglês. James Hirabayashi, filho de imigrantes agricultores no noroeste dos Estados Unidos, estava no último ano do colegial em 1942 quando foi detido no Centro de Assembléia de Pinedale antes de ser transferido para o campo de concentração de Tule Lake no norte da Califórnia. Depois da II Guerra Mundial, adquiriu bacharelado em artes, mestrado em antropologia pela Universidade de Washington e doutorado pela Universidade de Harvard. Dr. Hirabayashi é Professor emérito na Universidade do Estado de São Francisco onde foi decano na primeira escola de estudos étnicos do país. Foi também professor e pesquisador na Universidade de Tóquio; Universidade de Alberta, Edmonton, Alberta, Canadá; e Universidade Ahmadu Bello, Zaria, Nigéria. Ele morreu em maio de 2014, aos 93 anos de idade. (Junho de 2014) (<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/profiles/4/>)

Em janeiro de 2004, deu detalhado depoimento comentando sua vida intelectual e alguns aspectos da convivência com seus pais japoneses e imigrantes. Com eles teve pouco contato intelectual pois o trabalho com a fazenda não deixava tempo para eles acompanharem a vida escolar do filho. Lembra ainda que eles cultivavam hábitos tradicionais que vinham de uma cultura japonesa. Sobre o casamento dos seus pais ele comenta os costumes do Japão e como se organizavam as famílias, para facilitar a convivência:

Na verdade, havia uma inter-relação, um parentesco entre a família da minha mãe e a família do meu pai antes de se casarem. Porque o tio da minha mãe, o prefeito, casou-se com a irmã mais velha do meu pai. De modo que quando as famílias decidiram que era hora do meu pai se casar, ele já estava em Seattle. Bem, eu acho que ele havia morado em Seattle por cerca de sete anos. Então, a família decidiu que era hora de ele se casar. Eles buscaram uma companheira disponível na família da minha mãe e escolheram minha mãe. Então, minha mãe apareceu como noiva de fotografia. Mas, como eu digo, as famílias já estavam interligadas. Há uma tendência no Japão em fazer isso porque as relações de parentesco implicam em uma série de deveres e obrigações, de modo que se você cria

muitas delas, isso se torna um fardo. Portanto, há uma tendência em reforçar os laços já existentes.

O seu olhar de antropólogo e cidadão sobre o que acontecia no século XXI, no Oriente Médio, é referência para sua proposta para o futuro:

O Japanese American National Museum [Museu Nacional Nipo-Americano] não é somente sobre o passado, mas é sobre o presente e sobre o futuro, para as gerações futuras olharem o que temos feito, para compreender e para tomar suas fortes decisões, dependendo do que a avaliação de suas condições serão no futuro. Então eu acho que isso é tudo que somos e sobre o que deveríamos estar fazendo. (<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/251/>)

Ele também debate metodologia de investigação sobre o próprio grupo étnico. Mostra sua preocupação com os pesquisadores japoneses estudando a experiência nipo-americana japonesa e tentava adverti-los a ter cuidado com os pressupostos subjacentes à sua estrutura. Reconhecia a importância desses estudos, porque eles podiam dizer muito sobre a questão da perspectiva e da própria identidade. Ele mencionou como obras consagradas podem impedir uma percepção pessoal do problema.

"Se você estava procurando respostas para a questão de sua própria identidade, você começaria com, suponho, "O Crisântemo e a Espada" [nome de livro] de Ruth Benedict? (...) "Isso foi feito durante o tempo de guerra com uma antropóloga muito eminente entrevistando nipo-americanos sobre a identidade japonesa." (...) "Se você realmente queria ter uma linha na sua própria identidade, você começaria com um livro como esse?" (...) "É importante que você olhe para esse livro, mas eu certamente começaria a partir de sua própria perspectiva." (...) "Suas experiências no Japão e seu estudo com bolsa de estudos têm vários tipos de suposições, de modo que se você está estudando a população imigrante de todos os japoneses do mundo, então teste suas próprias suposições." (<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/253/>)

2.3. Francesca Yukari Biller

A jornalista judia e nipo-americana, filha de pai judeu e mãe nipo americana, Francesca nasceu no Havaí e cresceu na Califórnia do Sul. É ganhadora de vários prêmios como jornalista investigativa, escreve trabalhos para imprensa, rádio e televisão. Com ascendência japonesa e judia escreve sobre esses temas com um olhar humorístico e os tem publicado em *The Huffington Post*, *CNN*, *The Los Angeles Times*, *The Jewish Journal of Los Angeles*, e vários outros veículos.

Tem uma definição muito familiar sobre o que é ser nikkei: "A minha definição do que é ser nikkei na maior parte tem a ver com comida. Eu acho que a minha mãe ... é tudo ligado

à comida. “ Vê o papel dela na decisão do que se vai comer e do que se vai por na mesa como fator da união “como uma família—preparando refeições e ensinando às filhas desde cedo na cozinha e compartilhando a comida com a minha avó e todo mundo. E sempre se sentindo muito orgulhosa da sua ascendência japonesa.nikkei”.

Em agosto de 2013, estava escrevendo três livros, e um deles era um romance baseado em memórias de ex-combatentes de guerra nipo-americanos, que estava entrevistando:

(...) estou escrevendo um livro sobre o batalhão de infantaria 442, no qual três dos meus tios serviram durante a Segunda Guerra Mundial. Quando eu falo com o meu tio de 90 anos de idade no Havá—e eu visitei ele recentemente—ele se recusa a falar sobre o que aconteceu.

Ele disse: “Eu fiz o que tive que fazer. Eu simplesmente fiz o que era certo”.

Pois então, eu estou escrevendo um livro através da perspectiva da minha mãe quando criança. Seus irmãos eram sete anos mais velhos. E de repente, todos os homens do seu pequeno vilarejo rodeado de fazendas em Kona, no Havá, partiram ao mesmo tempo para ir lutar na guerra. Foi como se não tivesse mais nenhum homem deixado para trás. Ela e sua irmã e sua mãe e todas as mulheres do vilarejo tiveram que se unir para manter as fazendas em funcionamento e para manter as pequenas lojinhas abertas. Vai ser através da perspectiva dela como uma criança vendo tudo isso acontecer.

Eu tenho conduzido entrevistas com um montão de veteranos e mulheres de veteranos com respeito ao que eles vivenciaram—casos românticos e casamentos, e alguns deles traíram [as esposas ou namoradas] quando estavam lá [na guerra]. Vai ser esta intensa, bonita, apaixonante, tocante e grande história sobre os nipo-americanos que lutaram na Segunda Guerra Mundial. (...) Eu vejo o livro como um presente. Os judeus chamam isso de “mitzvah”. É como se fosse o meu presente para eles—contar suas histórias, e contá-las de uma maneira respeitosa e honrosa. (Grifos nossos)

<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/1337/>)

Francisca Yukari Biller declara que há poucos judeus nipo-americanos, Mas ela demonstra que é possível desenvolver uma identidade com valores nipo-judaicos. Ela quando visitava suas duas avós adotava ora um comportamento de japonesa, ora de judia, dependia com quem ela estava falando. E relata que uma das filhas, com 14 anos, sente-se uma japonesa e com fisionomia compatível. A outra, de 12 anos, pergunta sobre a possibilidade de assumir a condição de judia e fazer o Bat-Mitzvah, e as duas tem aparências completamente diferentes. A mãe reconhece que “elas querem se identificar com sua cultura, então eu estou procurando ver o que posso fazer para ajudar.”

2.4. Célia Abe Oi

Diretora do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil em 2005, historiadora e jornalista. É assessora de imprensa do Bunkyo, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social. Trabalha com a mídia ligada aos nikkeis e conhece as fontes de informação sobre da comunidade nipo-brasileira. Considera sua história de vida familiar semelhante a da maioria dos imigrantes chegados ao Brasil. O avô era pescador no Japão, e no Brasil plantou algodão e depois batata, com o filho, pai de Célia. Hoje os homens sobreviventes da família, seus três irmãos permanecem na agricultura em Itapetininga, no interior do Estado de São Paulo. Ela é uma das analistas críticas da sociedade e da cultura dos nikkeis no Brasil e sua voz é acatada pela clareza e equilíbrio que demonstra.

Nipo-brasileira, ser nikkei é algo proposto pela aparência o de ser japonesa. Ela admite:

Na realidade, eu acho que o fato de você ser Nikkei, você tem algumas especificidades, você tem uma cultura que você herdou dos seus antepassados (...) isso e daí num determinado momento, também soa muito forte na sua vida. (...) o grande desafio da minha vida, quando jovem e até hoje, é como juntar esses dois lados, e como fazer dessas duas partes algo criativo, (...) que possa contribuir para a sociedade ou para a cultura de um modo geral.

[\(http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/794/\)](http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/794/)

A identidade nikkei ao longo da vida de Célia Abe Oi, que faz três cortes temporais:

O primeiro momento foi o da entrada na faculdade em em sessenta e oito, no curso de historia, (...) aí então aquela coisa de, aquela preocupação de querer ser brasileira. E você acaba entrando em conflito exatamente porque você embora querendo ser brasileira, você tem essa cara de japonesa, e a todo momento você é cobrada disso (...) foi um momento muito importante de tentar entender esses dois lados. (...)E depois, na década de setenta, início de oitenta, quando comecei trabalhar como jornalista, (...) em jornais sempre voltados para os descendentes de japoneses, falando sobre nossa comunidade, sobre cultura, e etcetera (...) foi um momento (...) de ter uma responsabilidade, trabalhando num meio da comunicação(...) (...)E o terceiro momento, foi então em noventa e oito quando entrei para trabalhar como diretora do museu da imigração japonesa. (...) sendo responsável pela preservação da memória desses imigrantes japoneses. Sei lá eu, daqui a cinquenta anos, cem anos o que que vai restar da memória dos nossos pais e avós.

[\(http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/796/\)](http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/796/)

Comunidade Nikkei no Brasil,

Para Célia Oi e uma comunidade que está centralizada, no estado de São Paulo, os imigrantes chegaram em mil novecentos e oito, e sempre desde o início, eles foram para as

plantacões do estado de São Paulo. E grande parte permaneceu no estado. Na década de trinta, eles foram para Paraná, mas ainda São Paulo é o estado onde estão a maioria dos imigrantes japoneses. Oitenta por cento mais ou menos dos descendentes de japoneses mora em São Paulo. É uma sociedade bastante concentrada, que a década de quarenta era essencialmente agrícola. Depois você tem um processo de urbanização. E se a gente comparar, por exemplo, com Peru, ou com os Estados Unidos, diria assim que ela sempre foi muito mais fechada, e agora, prestes a completar cem anos da história, ela está se abrindo um pouco mais para a sociedade maior. (<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/797/>)

Percebemos a ausência, na sociedade brasileira, o debate interno que permanentemente incentivou aos nipo-americanos a uma auto-reflexão. O próprio depoimento de Célia Abe Oi demonstra que os pontos de referência estão sempre no Japão. E questões já presentes na sociedade brasileira, como a miscigenação não são parte de uma problematização do tema ser nikkei.

3. Algumas conclusões comparativas

Percebemos que enquanto o Japão atribui a cidadania pelo sangue, E.U.A. e Brasil aceitam a nacionalidade pelo lugar de nascimento e facilitam a naturalização de estrangeiros, em tese temos cidadanias determinadas pelas políticas de estado. No entanto, nosso levantamento no Discover Nikkei mostra-nos como as pessoas constroem processos de comunicação nas suas experiências comunitárias, na vida familiar, na relação com instituições educacionais, políticas e religiosas, musicais, nos conflitos militares, constroem identidades múltiplas. Por isso, no atual estágio de conhecimento sobre o tema é possível afirmar:

Nikkei identity is not static. It is a symbolic, social, historical, and political construction. It involves a dynamic process of selection, reinterpretation, and synthesis of cultural elements set within the shifting and fluid contexts of contemporary realities and relationships. These relationships have had a long history intensified within the current context of global capitalism.

As Nikkei communities form in Japan and throughout the world, the process of community formation reveals the ongoing fluidity of Nikkei populations, the evasive nature of Nikkei identity, and the transnational dimensions of their community formations and what it means to be Nikkei.

(<http://www.discovernikkei.org/en/about/what-is-nikkei>)

Nos EUA, os depoimentos mostram uma riqueza de experiências que faz com que possamos pensar que nipo-americanos estão em todos os espaços da cultura. Eno limite, temos casos de um homem de pele negra, o cantor Jero (Jerome Charles White, Jr) que rejeita a condição de afrodescendente e se assume como nipo-americano, fala a língua japonesa como um nativo e canta em japonês e faz um grande sucesso no Japão, totalmente educado pela avó materna. Ou Francisca Yukari Biller, uma mestiça que assume a identidade de nipo-judia-americana, graças as ligações com as duas avós. Estas escolhas tornam-se compreensivas pela mediação da antropologia e pela história oral desses personagens.

No Brasil, cujo processo de miscigenação é mais recente, e pela forma como os imigrantes se estabeleceram no território, em comunidades agrícolas na maioria dos casos e mantiveram sua relação com a cultura de origem e também pelos traços étnicos (cara de japonês) tornou-se mais recente a aceitação deles como brasileiros. O depoimento da jornalista e historiadora Célia Abe Oi trata de suas memórias, mas é representativo da experiência de parte dos descendentes de japoneses. É preciso uma diversidade maior de depoimentos de nipo-brasileiros. A legitimidade de uma da identidade nipo-brasileira é algo que estamos ainda processando, apesar de termos completado cem anos da chegada do primeiro imigrante japonês no Brasil, em 2008. A influência de esteriótipos, como o do brasileiro ser caucasiano, de olhos e cabelos claros (não se diz que Gisele Bündchen loiríssima e muito mais alta do que a maioria das mulheres brasileiras, é uma modelo germano-brasileira, uma descendente de imigrantes alemães, ela é citada como uma brasileira típica). Já Sabrina Sato, atriz e modelo brasileira, mestiça com traços nipônicos, tem sua origem japonesa frequentemente lembrada nas suas aparições na mídia. A comunicação de massas aparece como parte importante desse processo, porém é preciso reconhecer a também o lugar da cultura e da educação .

Acreditamos que a existência de uma política pública de estado apoiando as iniciativas organizadas por pesquisadores e cidadãos imigrantes é um fator que legitima a hibridização das culturas e o processo de uma transnacionalidade possível, que esperamos seja um processo de contribuição para a paz entre as nações. Se a Japan Foundation (Fundação Japão) ofereceu o principal apoio financeiro para o desenvolvimento do projeto Discover Nikkei, constatamos a receptividade também do governo dos Estados Unidos, ao condecorar e reconhecer publicamente os méritos da entidade que organizou o projeto e o

conduz nos EUA, o Japanese American National Museum (Museu Nacional Nipo-Americano) (<http://www.janm.org/press/release/256/>), 2010.

Pensamos que, além da participação oficial de entidades nipo-brasileiras como o Bunkyo Sociedade Brasileira de Cultura e Assistência Social (<http://www.bunkyo.org.br/pt-BR/>) no Projeto Discover Nikkei , é preciso trabalhar para abrir um debate, inclusive nos estudos de comunicação, sobre o futuro para a cultura brasileira da presença dos nikkeis no Brasil. Conforme registrou sabiamente o arquiteto Hugo Segawa ao comentar as comemorações sobre o 100 anos de imigração japonesa no Brasil:

Na página web da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil consta uma pesquisa na qual se pergunta: qual o objetivo principal do centenário? As alternativas de respostas e a tabulação parcial: homenagear os primeiros imigrantes (47,4%); aumentar o intercâmbio Brasil-Japão (25%); divulgar a cultura japonesa no Brasil (24,6%); divulgar a cultura brasileira no Japão (3%). Sintomático que, entre as respostas predeterminadas, não haja alternativa apontando algum futuro. Destaca-se, com expressiva vantagem, um traço genuinamente nipônico: o culto ao antepassado. No filme Balada de Narayama, o magistral diretor Shohei Imamura narra uma pungente prática num pobre vilarejo japonês do final do século 19. Para diminuir o número de bocas famintas, os septuagenários devem se recolher à gelada montanha para morrer. Mas antes do auto-sacrifício, a personagem central, a zelosa senhora Orin, aos 69 anos, se empenha em conseguir uma esposa para seu filho. O contexto não é muito diferente daquele dos passageiros do Kasato Maru. Felizmente as comemorações do centenário são o avesso do doloroso hábito do vilarejo. Mas nesse roteiro de avessos, está faltando a atitude sábia da velha Orin: quem está preocupado com o futuro do legado da imigração japonesa? [grifos nossos](SEGAWA, 2008)

4. REFERÊNCIAS

BELANCIANO, Vitor.

Stuart Hall, um intelectual cosmopolita e não apenas por biografia

Publicado em 16/02/2014 . Último acesso em 18/07/2014

<http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/stuart-hall-um-intelectual-cosmopolita-e-nao- apenas-por-biografia-1623880>

BILLER ,Francesca Yukari. **Depoimento** em agosto 2013. Último acesso em 14/07/2014

<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/1337/>

Bunkyo Sociedade Brasileira de Cultura e Assistência Social

<http://www.bunkyo.org.br/pt-BR/>

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. .

JERO (Jerome Charles White, Jr). **Depoimento** em 2010. Último acesso em 10/07/2014/ <http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/profiles/136/>

HIRABAYASHI, James. **Depoimento** em 2004. Último acesso em 19/07/2014 <http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/profiles/4/>

Japanese American National Museum (Museu Nacional Nipo-Americano) <http://www.janm.org/press/release/256/>, 2010.

OI, Celia Abe. **Depoimento** em 2005. Último acesso em 17/07/2014 <http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/794/>)

Projeto Discover Nikkei

<http://www.discovernikkei.org/en/>

SEGAWA, Hugo. **A efeméride do efêmero /Nas comemorações do centenário, há pouca preocupação com o futuro do legado da imigração japonesa**, domingo, 22 de junho de 2008 (versão impressa), - O Estado de S.Paulo [caderno Aliás] , reproduzido e consultado em

http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup193732,0.htm (acesso em 20/06/2014).